

PMS / FMLF BIBLIOTECA	
Jornal:	A Tarde
Data:	13/01/09
Caderno:	Salvador
Página:	A4
Seção:	
Assunto:	mercado/feira Feira de São Joaquim

FEIRA DE S. JOAQUIM | Área de tráfego de 24 mil carros e 36 linhas de ônibus sofre por omissão de órgãos públicos

Caos urbano na Cidade Baixa

MEIRE OLIVEIRA

mroliveira@grupoatarde.com.br

Uma placa indicando a exclusividade da via para o tráfego de ônibus e outra delimitando o horário de carga e descarga de mercadorias – entre o meio-dia e as 17h – não fazem muita diferença no tráfego da região da Feira de São Joaquim, na Cidade Baixa.

A omissão de órgãos como a Superintendência de Engenharia de Tráfego (SET) e a Superintendência de Transporte Público (STP) facilita a ocorrência de irregularidades durante todo o período de funcionamento da feira, na região por onde passam 24 mil veículos, diariamente, no período de pico (das 8h às 9h e das 17h30 às 18h30), e, pelo menos, 36 linhas de ônibus. No saldo geral, sofrem consumidores, comerciantes e, principalmente, a população da Cidade Baixa, que tem o trajeto como principal acesso ao Centro.

Cedo, é possível sentir o reflexo do caos causado pelo desordenamento do trânsito, com engarrafamento na Av. Oscar Pontes. Com o problema já instalado, por volta das 8h30, uma viatura da SET, em vez de atuar onde os problemas têm origem, opta por ficar à entrada do terminal marítimo, longe do foco. Questionado, o agente Samuel Oliveira diz que a situação merece intervenção mais ampla: "Temos que cobrir o trecho entre Ribeira e Co-



A esperança de melhoria da Feira de São Joaquim é o tombamento como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil

Já é garantida a quantia de 30 milhões para obras do projeto de requalificação

mércio. Não dá para ficar aqui o tempo inteiro. A gente pode até remover o carro, mas eles voltam". Durante a manhã da última sexta, nenhum veículo foi guinchado ou multado.

Procurada para esclarecer a falta de fiscalização do transporte público, a STP, por meio da assessoria, transferiu responsabilidade para a SET, argumentando que não pode obrigar os ônibus a trafegarem na faixa exclusiva se a mesma é tomada por carros. Durante dois dias foram solicitadas à SET explicações, mas a assessoria alega estar "em fase de reestruturação". SET e STP integram a recém-criada Superintendência de Trânsito e Transporte do Salvador (Transalvador).

OBSTRUÇÃO – Durante boa parte do dia, principalmente às sextas e sábados, o acesso à feira é quase obstruído. Carros particulares, veículos de frete, ônibus, táxis, motos, todos querem espa-

ço. Ao contrário dos ambulantes, vigiados pela Secretaria de Serviços Públicos (Sesp), durante três horas de observação é fácil flagrar irregularidades no tráfego: carros particulares estacionados abaixo de placas de proibição e em pontos de ônibus, caminhões descarregando em portões secundários, para não pagar taxa sobre atividade fora do horário, e ônibus fora da via exclusiva.

Na entrada do Portão 2, o caminhão de placa JOZ-7853 bloqueia o acesso por mais de uma hora descarregando produtos para bombonieres. "A taxa extra é absurda e ninguém paga. Feira é assim mesmo", justifica o motorista, que evita se identificar. "Tem que tomar chá de calmate para entrar aqui", grita o carregador Luiz do Carmo, 33. Às 10h, sete caminhões obstruem a visão e o acesso ao longo da feira.

No ponto de ônibus próximo à entrada principal, a baiana de acarajé Cláudia Machado, 35, está preparada: "Se ele parar no ponto, tudo bem. Separar na pista, corro". A conversa é interrompida – em poucos segundos, a passageira corre para pegar o coletivo, levando sacolas com ingredientes para os quitutes.

Se, do lado de fora, o problema é com veículos de médio e grande porte, dentro consumidores e feirantes se esquivam das motos. "Já não bastam carros-de-mão e agora tenho que ser atropelada por moto?", brada a cozinheira Clarisse Miranda, 47.



FOTOS FERNANDO VIVAS / AG. A TARDE

A estrutura no interior da Feira de São Joaquim apresenta-se danificada pelo tráfego de veículos



Táxis, ônibus e transeuntes em uma imagem comum de desordem urbana na Cidade Baixa

Área fechada gera problemas

Outra situação acentua ainda mais o problema da disputa de vagas. Uma área que pertence à Companhia das Docas (Codeba), com capacidade para 700 carros, próximo ao Portão 5, foi fechada pela Sol Park, empresa que explorava o local. A Associação Profissional dos Feirantes e Ambulantes de Salvador conseguiu permissão temporária para uso durante os festejos de final de ano, mas a área está fechada há mais de uma semana, o que tem causado reclamação dos clientes. Tem sido assim no box da comerciante Meire Silva, 44 anos.

SOLUÇÕES

Trânsito livre

Criar uma área para os carros de frete; estacionamento de motos; implantação de uma faixa de segurança na frente do Portão 2, entre as duas sinaleiras; construção de rampa de cadeirantes, que serviria também de passagem para os carros de mão; e criar novas vagas de estacionamento são

Gonza ga, 58 anos, há 18 trabalhando no local.

No entanto, não é por falta de sugestões que o problema de tráfego ainda não foi resolvido. O presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes e Ambulantes de Salvador (Sindfeira), Joel Anunciação, disse que, há mais de um ano, foi entregue na SET uma lista com ações que ajudariam a desafogar o trânsito: "A SET e a STP são ausentes. Nós que tentamos organizar. Não é a mesma coisa".

Criar uma área para os carros de frete, estacionamento de mo-



Joel Anunciação, do Sindfeira: "SET e STP são órgãos ausentes"

memória

Feira começou em armazém das Docas 1

Na década de 1930, uma feira móvel acontecia nas proximidades do 7º Armazém das Docas, no Comércio. Batizada de Feira do Sete, a feira atraía um número cada vez maior de comerciantes e, com as obras de modernização do Porto de Salvador, ocupou um espaço um pouco adiante das Docas e passou a se chamar Feira de Água de Meninos. Foi ali que, na década de 1960, dois grandes incêndios



Uma placa indicando a exclusividade da via para o tráfego de ônibus e outra delimitando o horário de carga e descarga de mercadorias – entre o meia-noite e as 6 horas e do meio-dia e as 17h – não fazem muita diferença no tráfego da região da Feira de São Joaquim, na Cidade Baixa.

A omissão de órgãos como a Superintendência de Engenharia de Tráfego (SET) e a Superintendência de Transporte Público (STP) facilita a ocorrência de irregularidades durante todo o período de funcionamento da feira, na região por onde passam 24 mil veículos, diariamente, no período de pico (das 8h às 9h e das 17h30 às 18h30), e, pelo menos, 36 linhas de ônibus. No saldo geral, sofrem consumidores, comerciantes e, principalmente, a população da Cidade Baixa, que tem o trajeto como principal acesso ao Centro.

Cedo, é possível sentir o reflexo do caos causado pelo desordenamento do trânsito, com engarrafamento na Av. Oscar Pontes. Com o problema já instalado, por volta das 8h30, uma via-tura da SET, em vez de atuar onde os problemas têm origem, opta por ficar à entrada do terminal marítimo, longe do foco. Questionado, o agente Samuel Oliveira diz que a situação merece intervenção mais ampla: “Temos que cobrir o trecho entre Ribeira e Co-



A esperança de melhoria da Feira de São Joaquim é o tombamento como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil

Já é garantida a quantia de 30 milhões para obras do projeto de requalificação

mércio. Não dá para ficar aqui o tempo inteiro. A gente pode até remover o carro, mas eles voltam”. Durante a manhã da última sexta, nenhum veículo foi guinchado ou multado.

Procurada para esclarecer a falta de fiscalização do transporte público, a STP, por meio da assessoria, transferiu responsabilidade para a SET, argumentando que não pode obrigar os ônibus a trafegarem na faixa exclusiva se a mesma é tomada por carros. Durante dois dias foram solicitadas à SET explicações, mas a assessoria alega estar “em fase de reestruturação”. SET e STP integram a recém-criada Superintendência de Trânsito e Transporte do Salvador (Transalvador).

OBSTRUÇÃO—Durante boa parte do dia, principalmente às sextas e sábados, o acesso à feira é quase obstruído. Carros particulares, veículos de frete, ônibus, táxis, motos, todos querem espa-

ço. Ao contrário dos ambulantes, vigiados pela Secretaria de Serviços Públicos (Sesp), durante três horas de observação é fácil flagrar irregularidades no tráfego: carros particulares estacionados abaixo de placas de proibição e em pontos de ônibus, caminhões descarregando em portões secundários, para não pagar taxa sobre atividade fora do horário, e ônibus fora da via exclusiva.

Na entrada do Portão 2, o caminhão de placa JOZ-7853 bloqueia o acesso por mais de uma hora descarregando produtos para bombonieres. “A taxa extra é absurda e ninguém paga. Feira é assim mesmo”, justifica o motorista, que evita se identificar. “Tem que tomar chá de calmate para entrar aqui”, grita o carregador Luiz do Carmo, 33. Às 10h, sete caminhões obstruem a visão e o acesso ao longo da feira.

No ponto de ônibus próximo à entrada principal, a baiana de acarajé Cláudia Machado, 35, está preparada: “Se ele parar no ponto, tudo bem. Se parar na pista, corro”. A conversa é interrompida – em poucos segundos, a passageira corre para pegar o coletivo, levando sacolas com ingredientes para os quitutes.

Se, do lado de fora, o problema é com veículos de médio e grande porte, dentro consumidores e feirantes se esquivam das motos. “Já não bastam carros-de-mão e agora tenho que ser atropelada por moto?”, brada a cozinheira Clarisse Miranda, 47.



Táxis, ônibus e transeuntes em uma imagem comum de desordem urbana na Cidade Baixa



A estrutura no interior da Feira de São Joaquim apresenta-se danificada pelo tráfego de veículos

Área fechada gera problemas

Outra situação acentua ainda mais o problema da disputa de vagas. Uma área que pertence à Companhia das Docas (Codeba), com capacidade para 700 carros, próximo ao Portão 5, foi fechada pela Sol Park, empresa que explorava o local. A Associação Profissional dos Feirantes e Ambulantes de Salvador conseguiu permissão temporária para uso durante os festejos de final de ano, mas a área está fechada há mais de uma semana, o que tem causado reclamação dos clientes. Tem sido assim no box da comerciante Meire Silva, 44 anos. “Os clientes falam todos os dias. Com a dificuldade de vaga não podemos deixar esse número se reduzir ainda mais”.

Mas, o presidente da associação garante resolver essa questão. “A empresa não concordou com o valor cobrado e entregou para a Codeba em outubro do ano passado. Mas estamos em negociação e ainda esta semana iremos reabrir”, garante Nilton Ávila, presidente da entidade, que possui 386 integrantes em São Joaquim e 850 na cidade.

Na lista de determinações não-obedecidas está a placa que regulamenta 19 vagas para táxi, mas só na teoria. O mesmo local é também disputado pelos carros que fazem carreto e serve de parada aos ônibus que ficam impossibilitados de entrar na feira pela via exclusiva. Nesse contexto, a formação de fila dupla é constante. “Não tem como ser diferente. Ninguém respeita nosso espaço e a SET nunca tira ninguém para preservar nosso direito”, reclamou o taxista Osvaldo

SOLUÇÕES

Trânsito livre

Criar uma área para os carros de frete; estacionamento de motos; implantação de uma faixa de segurança na frente do Portão 2, entre as duas sinaleiras; construção de rampa de cadeirantes, que serviria também de passagem para os carros de mão; e criar novas vagas de estacionamento são aspirações de comerciantes.

30

grelhas e quatro tampas de caixas (feitas de concreto) precisam ser substituídas. Há necessidade de reparo em mais 30 tampas.

Levantamento feito na área de drenagem na sexta-feira

Sem colaboração

Sobre os alagamentos, a Sucop argumenta que muitos feirantes ajudam a aumentar o problema, pois jogam resíduos na rede de drenagem, obstruindo a passagem da água. “A limpeza é feita constantemente, mas os feirantes não conservam”, alega o superintendente Luciano Valladares.

Gonza ga, 58 anos, há 18 trabalhando no local.

No entanto, não é por falta de sugestões que o problema de tráfego ainda não foi resolvido. O presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes e Ambulantes de Salvador (Sindfeira), Joel Anunciação, disse que, há mais de um ano, foi entregue na SET uma lista com ações que ajudariam a desafogar o trânsito: “A SET e a STP são ausentes. Nós que tentamos organizar. Não é a mesma coisa”.

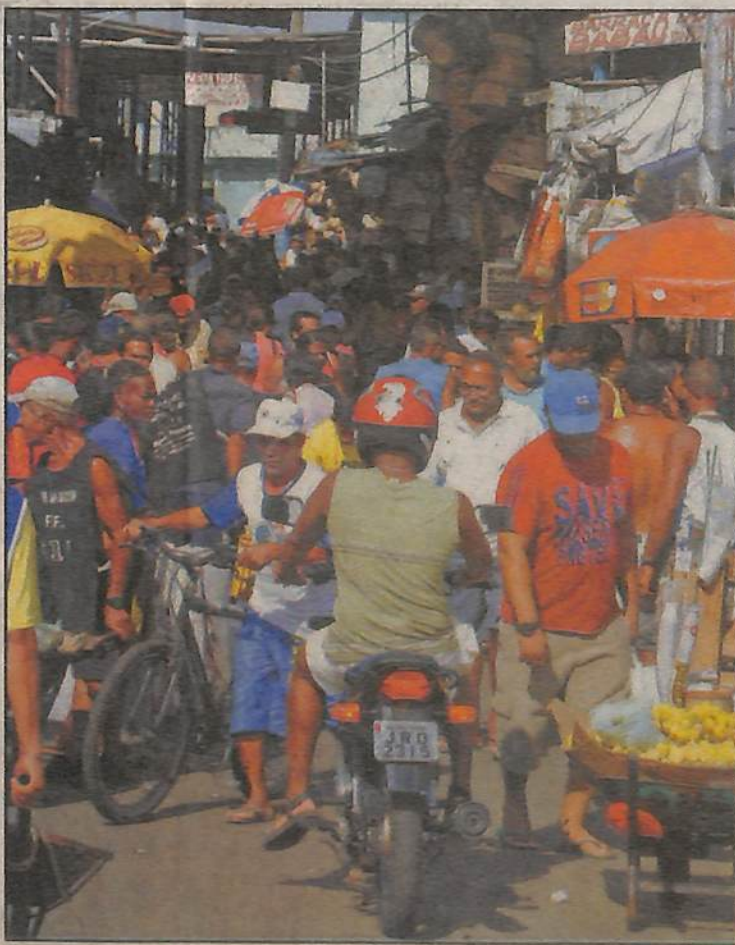
Criar uma área para os carros de frete, estacionamento de motos, implantação de uma faixa de segurança na frente do Portão 2 entre as duas sinaleiras, construção de rampa de cadeirantes que serviriam também de passagem para os carros de mão e criar novas vagas de estacionamento foram algumas das ideias do grupo de comerciantes.

Dos serviços prestados pela prefeitura, a reclamação mais recorrente é com a Superintendência de Conservação e Obras Públicas (Sucop), antiga Sumac. Segundo Joel Anunciação a última limpeza das canaletas de drenagem pluvial foi realizada há um ano. “Quando a chuva começa algumas ruas ficam completamente alagadas”.

Os acidentes ocorridos por causa dos buracos formados quando a tampa de concreto das chamadas caixas de sarjeta estão quebradas é motivo de queixa. “Eu já fui parar no chão. Só não foi pior porque me apoiei na banca de um rapaz que vendia carne”, contou a cozinheira Ester França Cruz, 36 anos.



Joel Anunciação, do Sindfeira: “SET e STP são órgãos ausentes”



Moto no mercado popular: problema também na parte interna

memória

Feira começou em armazém das Docas

Na década de 1930, uma feira móvel acontecia nas proximidades do 7º Armazém das Docas, no Comércio. Batizada de Feira do Sete, a feira atraía um número cada vez maior de comerciantes e, com as obras de modernização do Porto de Salvador, ocupou um espaço um pouco adiante das Docas e passou a se chamar Feira de Água de Meninos. Foi ali que, na década de 1960, dois grandes incêndios destruíram boa parte dos boxes e deixou muitas pessoas feridas. As causas da tragédia nunca foram devidamente esclarecidas. Após os acidentes, a feira foi instalada numa área de 34 mil m², na enseada de São Joaquim, na Avenida Frederico Pontes, local que ocupa até hoje e inspirou o nome atual. No dia 25 de agosto, a Feira de São Joaquim completa 45 anos. O cenário serviu de inspiração para obras de Jorge Amado, como *Capitães de Areia*. A maior feira ao ar livre da Bahia está instalada num cenário histórico. Lá, segundo relatos, morreu o general holandês Johann Van Dort, governador da Bahia durante a ocupação holandesa, no século XVII. Ele teria sido morto ao ser atingido por espadas e lanças.